

DAHER, Wilson. **Memorial de uma faxineira e outras histórias contadas e recontadas.**

São José do Rio Preto-SP: THS. 2010. 176 p.

Tieko Yamaguchi Miyazaki (UNEMAT)¹

Este longo título procura declarar logo de entrada a variedade dos textos ficcionais que compõem esta primeira obra de ficção do psiquiatra riopretense Wilson Daher: vários contos, uma narrativa média, uma narrativa longa. Apesar de ser o primeiro livro publicado do autor, de textos na maioria escritos a partir de 2009, Daher se revelou para si e para a comunidade em 1960, quando venceu o Concurso Nacional de Literatura Universitária, com um conto (Godofredo) publicado n' **O cruzeiro** e que aparece na parte final do livro. Só em 1967 escreve uma narrativa mais longa que agora comparece reformulada (Diga adeus ao velho Aristóteles). São, portanto, inéditos os contos em sua maioria e a narrativa maior (A parede da memória).

Essa referência bibliográfica tem importância porque, apesar dos estilos diferentes das três modalidades acima colocadas, é possível apreender já no primeiro texto linhas temáticas e estilísticas que reaparecem posteriormente garantindo uma unidade à obra e um perfil ao escritor. Uma delas – e que deve ter pesado na premiação naquela época – é a competência no manejo da língua: castiça no conto do estudante, elegante e elaborada nos textos mais longos, e mais moderna nas narrativas curtas.

Ao lado de motivos e expressões já consagrados, muitos são os momentos em que o encanto vem da originalidade da expressão, às vezes de temas corriqueiros, e de não fácil explicação analítica. Outra, agora temática, é de ordem biográfica (que não por isso interessa à análise da obra): a formação como médico, depois psiquiatra. E um traço na enunciação: o humor, que se matiza conforme o contexto. Às vezes ao gosto rodrigueano, com desfechos inesperados, como aponta o próprio escritor. Ou simplesmente brincalhão como no conto de estréia em que um estudante de medicina descobre a identidade real do cadáver anônimo, por ele transformado em seu confidente Godofredo.

Essa dicotomia, médico do corpo e médico da psique, se apresenta não só como motivo, personagem, mas de maneira transfigurada na estruturação do enredo e da narração. Ela aparece no tema da velhice, nas doenças da velhice, momento em que as relações humanas desnudam a sua verdade, de sentimentos conflitantes, de sinceridade e pequenas covardias, de pequenos atos de coragem e fragilidade.

De certa forma é esse o tema central da narrativa mais longa, uma novela, A parede da memória. A história de uma família (turca? síria? libanesa? ao brasileiro pouco importa) com seu chefe, suas mulheres, filhos e noras, em uma fazenda no interior paulista, contada, já na velhice do patriarca, pela voz e olhos de uma empregada, já vitalícia. Embora sempre através dessa perspectiva, o foco da narrativa vai passando de uma personagem a outra, livre da linearidade histórica, motivada pela conveniência da memória afetiva da enunciação. Condensada ao pouco tempo do final de vida do patriarca – solitário, debilitado, impotente e amargurado- a narração tem nessa parede, em que se enfileiram os retratos dos mortos, a sua metáfora, que move toda uma

¹ Livre-docente em Literatura e aposentada pela UNESP, de S.J.do Rio Preto. Colaboradora no Mestrado em Estudos Literários, Universidade Estadual do Mato Grosso, Câmpus de Tangará da Serra.

dinâmica espacial de portas, janelas, rua, quintal, de cheiros e ruídos. E a narrativa se desenrola fragmentada mas anunciada e retomada, presa pelo fio de certos motivos como o do monjolo permanente em sua batida.

Ao contrário de alguns contos alegres e próxima de outros menos leves, é esta novela que, intimista porque se alinhava pela emoção dolorida da evocação na enunciação, curiosamente apresenta traços estilísticos mais tradicionais, como a adjetivação às vezes dispensável, mas como se fora necessária e cedesse à carga da emoção. A dicotomia acima apontada comparece principalmente na complexidade das personalidades, dos impulsos e sentimentos mal entendidos pelos próprios sujeitos, e que recebem a benevolência amorosa da narradora.

Mas o texto que seria a menina dos olhos do escritor, como ele próprio declara na apresentação, é *Diga adeus ao velho Aristóteles*. A marca do período histórico de produção parece poder-se reconhecer na caracterização do protagonista: um seminarista que lê às escondidas velhos filósofos se transforma num cidadão angustiado que, incapaz de suicidar-se, resolve um dia contratar um matador profissional. A longa caminhada até o desfecho, inesperado, se configura como uma encenação dramática, em que as possíveis soluções encontradas nos ensinamentos dos filósofos se esbarram na incapacidade prática de levá-las a cabo. A enunciação é marcada pelo distanciamento da reflexão com relação ao próprio enredo, um distanciamento que se reconhece no movimento de atração e repulsa da personagem com relação à imediatez, a concretude, a pequenez da vida cotidiana.

Com certeza esta narrativa que estamos aqui classificando provisoriamente como novela é a peça mais bem sucedida do autor, de todos os pontos de vistas, principalmente formais. Já a narrativa mais longa que, ao contrário, leva o leitor a uma empatia imediata traz-nos a pergunta sobre por que textos como este, muito próximo dos romances de Milton Hatoum, encontram tanta receptividade no público brasileiro, nele incluso o acadêmico.